

VIVER É LEMBRAR: MEMÓRIAS E SIGNIFICADOS DAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS EM MANAUS.

Patrícia Rodrigues da Silva

**(Professora UFAM / Doutoranda em História Social pela PUC-SP -
prhsilva@ig.com.br)**

Apoio: FAPEAM

Resumo:

Este artigo busca compreender os sentidos das transformações vivenciadas na cidade de Manaus a partir da implementação da Zona Franca na segunda metade da década de 1960, partindo de uma espacialidade, qual seja, a chamada área da Manaus Moderna. Para isso torna-se importante compreender os sentidos e significados atribuídos àquele espaço antes desse processo de transformação. Assim, a partir das memórias e histórias de um grupo de pessoas que constituem aquela espacialidade, busco apreender as lembranças e os significados daquela área, antes de se tornar a “Manaus Moderna”. Como foram experimentadas as mudanças pelas pessoas que constituíam e constituem aquele espaço e como essas vivências se relaciona com as lembranças e os esquecimentos desse grupo de pessoas são as questões centrais que busco discutir. Como aportes teóricos para a reflexão sobre História Oral e memória, procuro me inspirar nos escritos de Alessandro Portelli que entende a memória como uma construção dos sujeitos a partir de suas experiências de vida, bem como Michael Pollak e Paul Ricoeur.

Palavras Chave:

História oral, memória, cidade.

VIVER É LEMBRAR: MEMÓRIAS E SIGNIFICADOS DAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS EM MANAUS.

Patrícia Rodrigues da Silva

Professora UFAM / Doutoranda Em História Social pela PUC-SP

prhsilva@ig.com.br

Apoio: FAPEAM

As reflexões apresentadas neste artigo estão inseridas em uma pesquisa mais ampla que venho desenvolvendo em meu trabalho de doutorado desde 2007, cujo objetivo é buscar uma análise e uma reflexão sobre os sentidos sociais e históricos das transformações da cidade de Manaus no período de 1960 a 2008.

Nesta direção, o objeto específico são as transformações de um determinado espaço, qual seja, a área que se estende do terminal de cargas do porto flutuante de Manaus até o final da chamada feira da banana na avenida Manaus Moderna, a chamada área da Manaus Moderna¹ que se configura num espaço/área emblemática e vital para a cidade.

Um dos aspectos relevantes no que se refere à importância desta área para a cidade é o fato de ser por este porto que centenas de pessoas chegam ou partem para as cidades do interior do estado e outros estados da região norte. Assim, a Manaus Moderna é a primeira e a última paisagem que vêem da cidade.

Também é pelo porto improvisado, na Manaus Moderna, que as mercadorias compradas pelos interioranos são levadas para suas cidades para uso próprio ou para serem revendidas.

Ali também transitam turistas que partem para os hotéis de selva ou estão em busca de elementos exóticos, ervas medicinais, frutas e outros alimentos comercializados no mercado

Outro aspecto fundamental é o abastecimento de gêneros alimentícios na cidade. É pelo porto improvisado que a quase totalidade do abastecimento de hortifrutigranjeiros consumidos em Manaus chega, sendo também comercializado na feira Manaus Moderna. É na feira e também fora dela, pelos ambulantes, que estas mercadorias são revendidas para os hiper, super e mercadinhos de toda a cidade e também para os restaurantes, lanchonetes e cafés. Assim, além de ser o espaço onde se realiza o abastecimento da cidade, nesta área muitas pessoas retiram sua sobrevivência.

Neste artigo buscarei apresentar algumas reflexões, a partir das memórias e Histórias de um grupo de pessoas que constituem aquela espacialidade, as lembranças e os significados daquela área antes de se tornar “Manaus Moderna”. Como foram experimentadas as mudanças pelas pessoas que constituíam e constituem aquele espaço e como essa experiência se relaciona com as lembranças e os esquecimentos desse grupo de pessoas. Quais os sentidos das histórias, lembranças e esquecimentos que compõe as memórias das pessoas que constituem aquele lugar?

Quando falamos em memória não podemos deixar de nos remeter ao clássico estudo de Maurice Halbwachs (1990) que, tributário de uma tradição durkheimiana, em que os fatos sociais são tratados como coisas e a organização social mais perfeita a nação, credita à memória nacional a forma mais perfeita de memória coletiva.ⁱⁱ

Michael Pollak (1989:3) lembra que o autor de “A Memória Coletiva” insinua em vários momentos de sua obra “não apenas a seletividade de toda memória, mas também um processo de “negociação” para conciliar a memória coletiva e memórias individuais”. Neste sentido, percebe-se que a abordagem privilegiada a partir dessa perspectiva recaía fundamentalmente nos aspectos da estabilidade das sociedades, naquilo que era constante em detrimento dos conflitos, do instável.

É preciso notar, entretanto, que o historiador da atualidade não enxerga mais os fatos sociais como coisas e longe de buscar a estabilidade e a constância o que o interessa é justamente os pontos de conflito, as inconstâncias, os processos desestabilizadores da ordem social, as ações de personagens que permaneceram mudos.

Nesta direção, as fontes orais muito têm contribuído, na medida em que privilegia o estudo dos excluídos e minorias, trazendo à tona as “memórias

Subterrâneas” como nos disse Michael Pollak, e evidencia o “caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional.” (p.4)

Assim, compreendemos com Pollak que:

“Se a análise do trabalho de enquadramento de seus agentes e seus traços materiais é uma chave para estudar, de cima para baixo, como as memórias coletivas são construídas, desconstruídas e reconstruídas, o procedimento inverso, aquele que com os instrumentos da História Oral, parte das memórias individuais, faz aparecerem os limites desse trabalho de enquadramento e, ao mesmo tempo, revela um trabalho psicológico do indivíduo que tende a controlar as feridas, tensões e contradições entre a imagem oficial do passado e suas lembranças pessoais.”

Pretendo, portanto, trazer à tona algumas histórias esquecidas, as memórias individuais que estão entrelaçadas às memórias oficiais e que podem oferecer uma memória alternativa, enfim histórias que não foram contadas sobre o processo de transformação vivenciado pela cidade de Manaus.

Na década de 1960 (1967) a consolidação da Zona Franca de Manaus, trouxe mudanças enormes para a cidade como o inchaço populacional e a “necessidade” de reorganização de sua espacialidade, o que vai ocorrendo paulatinamente ao longo das décadas seguintes, trazendo conseqüentemente mudanças nos modos de viver das pessoas e, a área da Manaus Moderna (que ainda se denominava Porto da escadaria dos Remédios) vista como porta de entrada da cidade, sofreu muitas intervenções para que se adequasse à nova lógica que se impunha, isso trouxe transformações fundamentais para os modos de viver na cidade de Manaus.

Alguns depoimentos possibilitam refletir como esse espaço foi se constituindo enquanto espaço de comércio, moradia, lazer traduzindo-se na própria cidade de Manaus para muitos migrantes interioranos que a viam como alternativa de melhores condições de vida.

O Sr. Sabáⁱⁱⁱ é feirante na Feira Manaus Moderna, vende pimentas, conta que, tendo sido criado por pais adotivos, (pai faleceu a mãe estava grávida de seis meses e a mãe quando ele tinha um ano de idade) casou cedo, com apenas 14 anos, com 15 anos já tinham o primeiro filho. Veio para Manaus em 1953 para trabalhar com um cunhado

que também já havia migrado do interior, fugindo das dificuldades, buscando melhores alternativas de sobrevivência. Sobre sua vida no interior, o Sr. Sabá nos conta que:

“Na época que eu vim me embora aqui pra Manaus tinha terminado fábrica de juta lá pra nós, que a gente plantava juta(...) Aí ele disse assim pra mim: tá cum dinheiro, né? Digo: Que dinheiro, rapaiz? Só deu pra pagá o patrão pro oto ano a gente tê crédito de novo, né? Aí ele foi e disse assim pra mim: - Ah! Cunhado, isso aqui eu já sei! Aqui era eu e a mulher; ele dizendo pra mim; ce sabe que era eu a mulher e quatro filho trabalhando, quase eu num saía do fiado (...).”

A dureza da vida no interior e a falta de perspectivas vivenciadas pelos moradores do interior do estado acabaram empurrando inúmeros pequenos agricultores para a capital, Manaus, que mesmo não tendo grandes oportunidades, significou a possibilidade de sair da miséria, em busca de melhores alternativas de vida.

Ao chegar a Manaus, o espaço que encontrou oportunidades foi justamente na área do porto da escadaria, como inúmeros outros trabalhadores que àquela época dinamizavam aquela espacialidade num comércio frenético de hortigranjeiros e peixes vindos do interior. Assim, a área do entorno do mercado significou/significa para o Sr. Sabá espaço de oportunidade, de melhora de suas condições de vida, de possibilidades de uma vida mais digna.

Muitas são as referências a essa feira improvisada na praia do mercado municipal. Assim, na praia do mercado ou mesmo dentro de canoas, aquela área da cidade se revelava pulsante, espaço de sobrevivência e convivência, onde de se podia, encontrar “de tudo”, vários tipos de bananas, frutos e verduras vindas do interior e comercializadas pelos próprios produtores e muitas vezes vendendo a um atravessador que revendia para pequenos comércios ou mesmo realizavam o comércio ambulante.

Em suas memórias Moacir Andrade (2007:188), artista e escritor manauense registrou a dinâmica da feira de canoas na praia do mercado.

Segundo ANDRADE,

“a praia do mercado é assim, como a feira de águas de Meninos na Bahia. É ponto de integração social do homem amazônico. É o encontro de todos os caboclos moradores nos diversos rios, paranás, igarapés, furos e lagos do Amazonas que ali vão vender os seus produtos, fruto de trabalho penoso, cujo apurado não dá muitas vezes nem para comprar sementes para novas plantações, pois além da exploração de intermediários (atravessadores), os caboclos pagam pesadas taxas pelo transporte (reboque) de suas canoas do lugar de origem até o porto de Manaus onde vendem seus produtos”.

Ele aponta para a relação entre o pequeno produtor e os atravessadores, como uma relação difícil, pois o pequeno produtor interiorano vinha na expectativa de vender sua produção e voltar levando aquilo que necessitava, ficava na beira da praia com os produtos expostos nas canoas, muitos “atravessadores” antevendo possibilidades de lucro, comprava esses produtos por um preço baixo e revendiam em outros locais da cidade obtendo lucros em cima dos hortigranjeiros regionais.

Outro aspecto importante abordado nas memórias de ANDRANDE é a íntima relação com o rio. Assim, sendo construída na beira da praia, o comércio se estendia para dentro do rio, num comércio realizado inclusive por canoas ou mesmo na construção de palafitas que se estendiam para dentro do rio Negro como pode ser observado na fotografia abaixo.



Feira da Escadaria dos Remédios. s/data. Acervo pessoal do feirante Sr. Luis Maia Teixeira

Um dos elementos que podemos refletir com os depoimentos é que o fato de ser dentro do rio facilitava o desembarque dos produtos a serem comercializados já que o barco atracava bem junto à feira como pode ser observado na fotografia. Esta imagem nos permite uma proximidade maior, onde podemos “adentrar” a feira, observando os barcos atracados bem em frente, as bananas expostas, um vendedor de picolé (?) mais ao fundo e o que mais chama a atenção, ao fundo da fotografia podemos ver inúmeras casinhas, dando-nos a dimensão dessa feira.

Assim, logo que o barco atracava a mercadoria já podia ser imediatamente descarregada, sem se ser necessário percorrer talvez, longas distâncias com muito peso ou mesmo ter que dispor de gastos com carregadores.

Sr. Sabá que trabalha nesse espaço há mais de cinquenta anos revela como era difícil ter que transportar a mercadoria e como a permanência na praia do mercado se colocava como uma alternativa mais atraente e viável. Ele conta que ao chegar a Manaus, migrante do interior, trabalhou um curto período de tempo com seu cunhado

numa feira no bairro de Educandos, depois colocou banca numa outra feira para trabalhar por conta própria, mas resolveu trabalhar na praia do mercado, ou no beiradão, como ele diz:

“do beiradão foi o seguinte, repara bem cumé que era... Eu trabalhava lá todo dia, o rio seco, aí a gente vinha naquele tempo, certo? Comprava aí, nós levava de caminhão pra lá... Aí quando foi um dia eu achei tão bonito pessoal todo mundo na beira: “pôrra Sabá! Vem pra cá Sabá, trabalhá com a gente aqui!” Aí eu fiquei assim... Aí um dia eu disse pa mulher: - Digo, rapaiz eu vô dá uma experimentada lá na beira da praia.

(...)Quando secava o rio a gente pegava o pé da terra e ia na beirada e puxava a canoa em terra, aí eu vim me acostumei aqui... Na beirada e por aqui eu tô.”

As fotografias abaixo flagram alguns elementos acerca da feira na praia do mercado. Vê-se o intenso movimento de compra e venda de hortigranjeiros em meados da década de 60. Assim, na beira da praia ao lado do mercado municipal as pessoas vinham comprar nessa feirinha improvisada os produtos regionais produzidos no interior, as frutas e verduras típicas da região eram comercializadas pelos próprios produtores que chegavam atracavam suas pequenas embarcações e expunham ali mesmo nas canoas, suas mercadorias. Vendiam seus produtos, compravam o que necessitavam e retornavam para seu interior.



Feira ao lado do mercado de Manaus (AM). Arquivo Fotográfico Ilustrativo dos Trabalhos Geográficos de Campo (IBGE) Registro nº6888 Fotógrafo: Tibor Jablonsky . Data: 03/1968. Disponível on-line. [AM13529.jpg](#) e [AM13526.jpg](#) respectivamente.

Ao refletir sobre as funções do tempo nos relatos orais, Alessandro Portelli (2004:296) nos alertava para o fato de que “os relatos acompanham o tempo, crescem com o tempo e se decompõe com o tempo”. Nesse sentido, é possível perceber em muitas entrevistas de feirantes que atuam na feira Manaus Moderna, como seus relatos sobre a vida e o trabalho naquela espacialidade antes da feira Manaus Moderna estão repletos de sua experiência atual. Ao falar do tempo passado procuram comparar com a situação atual.

Desta forma, o Sr. Sabá ao comparar a feira antiga da escadaria com a feira atual lembra que na época das chuvas era difícil por que não tinham proteção, nem os feirantes, nem os clientes, assim não era raro que molhassem e até perdessem mercadorias. A dureza das condições de trabalho é certamente realçada em função da relativa tranquilidade e comodidade em que o Sr. Sabá vive atualmente.

Ele recorda ainda que por baixo dos assoalhos das barracas se via muitos botos, algo quase impossível de se ver atualmente naquelas imediações:

“Funcionava... Assim na berada. Na berada do rio. Secava, todo mundo puxava a canoa. Fincava aqueles pau que eu tô te falano, cubria com papelão velho por cima, plástico, né? Pa pegá chuva. Já pensô pegá uma noite de chuva numa berada? Ma aqui não. O cara chega aqui e madrugada dia дума chuva você não pega, melhor canto, né? Pra se trabalhá. Isso aqui já foi... Feito suaili isso aqui. Suali de madeira. Cansemo de ta jantano aqui a boca da noite os boto tava boiando é...?... No suaili aqui. Agora não!”

É preciso estar atento ao fato de que “as histórias de vida e os relatos pessoais dependem do tempo, pelo simples fato de sofrerem acréscimos e subtrações em cada dia da vida do narrador.” (PORTLLI, 2004:298). Assim, vê-se que, se nos anos 1960 e 1970 a feira da beira da praia se apresentava ao Sr. Sabá como uma grande oportunidade de melhorar suas condições de vida, achando inclusive, bonito o trabalho dos feirantes (*eu achei tão bonito pessoal todo mundo na beira...*), com o passar dos anos e os acréscimos e subtrações que a vida foi-lhe dando, seu olhar retrospectivo aborda as dificuldades sempre comparando com sua atual situação (*Já pensô pegá uma noite de chuva numa berada? Mais aqui não. O cara chega aqui e madrugada dia дума chuva você não pega, melhor canto, né*).

O olhar profundamente influenciado pela vivência presente também pode ser notado no depoimento do Sr. Manoel^{iv} que, quando veio para Manaus trabalhava nas imediações do mercado revendendo mercadorias vindas do interior e hoje é lojista nas imediações da Manaus Moderna. Ao falar sobre a área antes da construção da avenida que daria nome de “Manaus Moderna” àquela espacialidade, o depoente expressa através das feições e da tonalidade de voz como espaço se apresenta a ele como um espaço muito melhor. Segundo ele:

“Antes desse aterro, esse espaço é como eu tava te dizendo, era só lama quase... tempo desse, quando tava chovendo assim, só dava... tinha que fazê aquelas pontezinha de tábua pra andá, pisano por cima..”

Além de espaço de oportunidade de trabalho e melhora de condições de vida a praia do mercado se apresenta também em um importante espaço de lazer para crianças principalmente as da periferia, pelo menos até a década de 1980.

Fabiano^v, hoje professor, já foi camelô, atuou nas imediações da Manaus Moderna, e também é filho de um camelô. Ao recordar de sua infância nos anos 80, conta que ele e seus colegas gostavam de frequentar aquele espaço para nadar, pescar. Ele conta da seguinte maneira:

“(...) praticamente era um barranco, né? Eu conheci aquilo ali; bem antes eu conheci aquilo ali como um barranco mesmo. Inclusive eu até ia pra lá pescar, na época... com o pessoal daqui da rua, da Ferreira Pena. Eu ia com meus colegas pescar, então eu conheci aquilo ali antes de ser aquela... toda aquela estrutura hoje, né? Não era daquele jeito ainda, ainda tava em fase... iniciando de construção e tudo mais. Mas é... ali que a gente tomava banho, pescava e tudo mais...”

Em sua narrativa podemos observar um cotidiano de muita liberdade, onde era permitido às crianças percorrerem grandes distâncias em busca de lazer e diversão. Lazer e diversão esses ligados fundamentalmente à água dos igarapés que entrecortam a cidade e do próprio rio Negro. Em sua narrativa é possível observar também que em pouco mais de uma década esses espaços foram se transformando em grandes esgotos a céu aberto quando não aterrados em função de interesses meramente econômicos.

Assim, o depoente nos revela que:

“Era muito bacana por que a gente saia daqui do centro, nós íamos pra Aparecida, né. Da Aparecida nós pescávamos, nadávamos ali em

Aparecida, ainda era bem limpo, né. Nós íamos pra Djalma Batista que a gente conhecia como Luis Pedreira, né. Por que tinha uma pedreira na época. Tomava banho naquele igarapé que passa onde é o Milênium, né. Só que era limpo, né. Ainda. Pescávamos lá também e quando a gente se enjoava desse dois locais, Aparecida e ali na Djalma Batista, nós íamos lá pra... Manaus Moderna, né. A gente chamava de: -Ah, vamos lá pro mercado pescar!

Inclusive, por incrível que pareça, até peguei Tucunaré lá. Peguei tucunaré ali! Conta pro pessoal, o pessoal num acredita. (...) Aí só pra ver como ainda tem peixe, né? Não era tão sujo, né? Como é hoje, né.”

A fala do depoente permite refletir a forma como a cidade de Manaus foi sofrendo uma vultuosa transformação ao longo das décadas de 1970 e 1980, passando de uma pacata cidade à capital da Zona Franca exercendo forte atração a turistas em busca de novidades vindas do mundo todo e também de migrantes em busca de alternativas de sobrevivência, impondo ao poder público, problemas de infraestrutura .

É preciso ressaltar como o trabalho a partir das memórias relatadas pode ser revelador de histórias e memórias alternativas à memória oficial na medida em que coloca o historiador frente a outros pontos de referência. E é PORTELLI (2004:300) quem nos alerta para o fato de que “Enquanto os historiadores estão interessados em reconstruir o passado, os narradores estão interessados em projetar uma imagem”. Assim, ao falar sobre as transformações por que passava a cidade nas primeiras décadas da Zona Franca, o Fabiano o faz a partir daquilo que faz sentido para ele. (*Inclusive, por incrível que pareça, até peguei Tucunaré lá. Peguei tucunaré ali! Conta pro pessoal, o pessoal num acredita.*).

Essas são algumas das histórias de pessoas que fizeram/fazem parte da constituição da área da Manaus Moderna. São histórias corriqueiras, do dia a dia, das dificuldades enfrentadas cotidianamente na busca da sobrevivência, mas que pode nos revelar também os limites das políticas públicas, as desigualdades na distribuição de renda e oportunidades.

Desta forma essas memórias submersas, reorganizadas e trabalhadas de forma a se conciliar com a memória oficial estão a espera de algum motivo para vir a tona e como nos disse POLLAK, revelar os conflitos e os limites dessas memórias oficiais.

ⁱ A avenida se localiza na área portuária da cidade, iniciando bem ao lado do Terminal de cargas e descargas do porto flutuante de Manaus e se estende até a ponte que dá acesso ao bairro de Educandos, margeando de um lado o rio Negro e do outro o bairro dos Remédios, inclusive passando em frente da feira Cel. Jorge Teixeira, ou como é mais conhecida, Feira da Manaus Moderna. O porto hoje denominado Manaus Moderna, era denominado de Porto da escadaria, pois havia uma escadaria da beira do rio até a igreja de Na. Sra. Dos Remédios

ⁱⁱ Segundo análise de POLLAK (1989:3) “Na abordagem durkheimiana, a ênfase é dada à força quase institucional dessa memória coletiva, à duração, à continuidade e à estabilidade. Assim, também Halbwachs, longe de ver nessa memória coletiva uma imposição, uma forma específica de dominação ou violência simbólica, acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo, donde o termo que utiliza, de “comunidade afetiva”.

ⁱⁱⁱ Sebastião de Souza Garcia, viúvo, nascido em Manaquiri/AM em 10/01/1938, Vinda para Manaus: 195
Data da entrevista: 25/06/2007.

^{iv} Sr. Pedro (Manuel). (Entrevista realizada em 29-01-2008)

^v Fabiano da Silva Paz, casado, nascido em Manaus, 34 anos, professor Data da entrevista: 25/06/2008

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Moacir. Manaus: Ruas, fachadas e varandas. Manaus: Gráfica Sta. Luzia, 2007.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Ed. Vértice, 1990.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. In: Revista Estudos históricos, RJ, Vol. 2, n.º 3, 1989.

PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: Funções do Tempo na História Oral. IN: FENELON, Déa; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de &

KHOURY Yara Aun. (orgs.). “Muitas Memórias, Outras Histórias”. São Paulo: Olho d’água, 2004. pp.298-313.